



A teoria do eterno retorno em Blanqui e suas repercussões

Ângela Zamora Cilento

Mackenzie, Brasil

2007268@mackenzie.com.br

Resumo: Este artigo pretende apresentar as idéias de Blanqui, filósofo do século XVIII, no que tange ao eterno retorno e suas repercussões nas filosofias de Nietzsche e Walter Benjamin.

Palavras-chave: Blaquui, história, eterno retorno.

Abstract: This article intend to show the Blanqui's views, philosopher 18th century, relating to eternal return and to take effect Nietzsche's and Walter Benjamin's philosophies.

Keywords: Blanqui, history, eternal return.

1

Como sabemos, na mesma proporção em que passam fome os franceses devido à seca de mais de 13 anos e enquanto a vida repleta de glamour, festas e vinhos, corrupção e intrigas da vida cortesã se articulava, temos neste período do século XVIII, uma geração de pensadores franceses, discutindo e propondo soluções para a desigualdade social: os socialistas utópicos. São eles: Saint-Simon, Babeuf, Fourier, Proudhon e Blanqui, além de Owen na Inglaterra.

Infelizmente, seus textos são pouco conhecidos entre nós, e praticamente não há publicações a este respeito. Nosso texto visa estimular a leitura de tão interessantes pensadores, no caso, de Blanqui. Não nos ateremos neste momento ao seu pensamento político, mas sua relevância consiste precisamente em elaborar uma doutrina sobre o eterno retorno que servirá de mote para Nietzsche e Benjamin.

Blanqui (1805-1881) foi médico, advogado e viveu 70 anos, dos quais 35 foram na cadeia. Sua filosofia o impelia à ação. Encarcerado escreveu A Eternidade Pelos Astros, um escrito, que ao mesmo tempo abriga pressupostos de física, vislumbra uma nova possibilidade, inclusive social. Não é à toa, que seu nome consta nas Teses sobre a filosofia da História de Benjamin.

Vejamos do que se trata.

Num tom quase poético, apresenta o problema da questão da origem: “A questão da origem é sempre permeada de reticências. Infelizmente, omitir não é

resolver.” (BLANQUI:2002,p.50). Ele se pergunta como então tudo se formou? Sua resposta humilde é: não sei. Entretanto, intrepidamente, resolve pensar sobre o assunto, apresentando outras questões que se sucedem “Que importa o que nos precedeu? O que importa o que se seguirá? Antes e depois de nós, o dilúvio.” (BLANQUI:2002,54) Ainda assim, o enigma do mundo permanece e o espírito humano tenta decifrá-lo a todo custo.

Para Blanqui, a matéria inicial não se poderia diminuir nem acrescentar um átomo sequer que fosse e obedece à uma organização totalmente eterna. Nunca variou em um fio de cabelo nem sequer por um segundo. Não há o mínimo caos. A lei da atração preside todo o universo. Calor, luz e movimento são forças da matéria e não a matéria em si mesma, num eterno *pandemonium*, formam-se vários ciclos: estrelas nascem, gravitam e morrem juntas numa espécie de conflagração. Pela atração, há choques sucessivos que reduzem as massas sólidas ao estado de vapores e são capturados em seguida pela gravitação. Esta renova os mundos, como os dirige e os mantém por meio do movimento.

“O universo é eterno, os astros precederam e como formam toda a matéria, cada um deles passou por mil, milhões de existências. A gravitação, por meio de seus choques ressurreidores, os divide, os mescla, os modela incessantemente. Não há um solo que não seja composto de todos os demais. Cada polegada de terra que olhamos formou parte do universo inteiro.” (BLANQUI:2002,p.67)

A sua percepção de universo, nos traz à mente a filosofia pré-socrática, com a mesma profundidade, temos Empédocles no Poema Lustral:

“(…) Um destes agora sou eu, fugitivo dos deuses e errante, porque prestei fé a furiosa Contenta... Porque fui um tempo menino e menina, arbusto, passarinho e mudo peixe do mar” (...)(GRIFOS NOSSOS) (Empédocles, apud Reale, 1993, p.139)

Assim, todos os corpos celestes, sem exceção, têm a mesma origem – a combustão os inicia, consolidados pelo esfriamento, os planetas possuem o privilégio da vida orgânica, pois têm sua fonte no calor e na luz solar que se extinguirá com ele.

A matéria é eterna e cria um número indefinido de combinações, porém tem um limite fixo, uma vez alcançado é impossível ir mais longe. Estas combinações, apesar de sua multiplicidade, têm um término e deste movimento, devem sempre repetir-se. Assim, Blanqui admite que a Natureza tira de cada uma de suas obras milhões de exemplares, isto é, as combinações originárias formariam *TIPOS*, de modo que os corpos simples não poderiam prestar-se a combinação de originais infinitos.

E aqui começam, para além da física as idéias de Blanqui quanto ao eterno retorno – impactante e inusitado.

Os corpos celestes se classificam como *Originais* e *Cópias*. Os originais são o conjunto de globos que formam cada Tipo especial. As Cópias são repetições e seu número é infinito. Cada tipo tem atrás de si um exército de Sósias cujo número não têm limite.(BLANQUI:2002,p.74). Não há como verificar nenhuma exatidão em relação aos tipos, é sempre Muito, mas as cópias são infinitas. E já que tudo parte da matéria, sempre a mesma, não se pode alcançar o infinito – mas poderia ter, por exemplo, mil exemplares.

Blanqui supõe a seguir que todos os sistemas estelares têm igual duração, bilhões e bilhões de anos e que todos eles comecem e terminem juntos no mesmo minuto. Assim, como partem da mesma matéria, de alguma forma todos os elementos contém a mesma carne e o mesmo sangue e se desenvolvem pelo mesmo método. Os planetas se alinham simetricamente, segundo a intimidade de sua semelhança e estas similitudes os empurram de comum acordo a uma identidade. Entretanto, os astros estão reduzidos a uma cifra limitada e a infinitude dos globos não pode surgir mais do que da infinitude das repetições.

“Só pelo fato de existir, todo astro sempre existiu, sempre existirá, não em sua personalidade atual temporária e perecível, senão como uma série infinita de personalidades semelhantes que se reproduzem através dos séculos. É idêntico às suas encarnações precedentes, ligado às mesmas condições, vive e viverá exatamente a mesma vida no conjunto e nos detalhes que seus avatares anteriores.” (BLANQUI:2002,p.83)

E ainda:

“A natureza não conhece nem pratica a moral na ação. O que faz, não faz de propósito. Trabalha atenta, destrói, cria e transforma. O resto não lhe concerne. Com os olhos cerrados aplica o cálculo de probabilidades melhor que todos os matemáticos com os olhos abertos. Nenhuma variável a desvia, nem uma chance de queda há no fundo da urna. Ela saca todos os números. E quando não há mais nada no fundo da bolsa, abre a caixa de repetições, tonel sem fundo que também não se esvazia jamais.” (BLANQUI:2002,p.83)

Certamente, Blanqui afirma categoricamente que a natureza possui suas leis que são inflexíveis e imutáveis, governando tudo e todos, tudo segue uma marcha fixa e fatal. Entretanto, o problema adquire peso quando os seres animados que tem vontade própria, ou como dirá Blanqui: caprichos.

Os homens, em relação, ao universo perturbam pouco a matéria, mas em troca perturbam-se muito a si mesmos. A turbulência humana não perturba seriamente a marcha natural dos fenômenos físicos. “Seus mais gigantescos esforços não removem uma só topeira, o que não os impede de surgirem como conquistadores e cair em êxtase delirante de seu gênio e sua potência.(...) Nínive, Babilônia, Tebas e Menfis ... (que sobrou delas? Nem sequer escombros.as ervas ou a areia recobrem os sepulcros. Quando as obras humanas são descuidadas um instante, a natureza começa pacientemente a demoli-las.” (BLANQUI:2002,P.89).

O encarcerado exemplifica sua teoria:

“não há um animal, árvore, arbusto ou homem que não tenha encontrado seu lugar e seu momento duplicado. É uma verdadeira terra sócia (...) nasce uma terra com uma humanidade igual à nossa que exhibe suas raças, suas migrações, suas lutas, seus impérios, suas catástrofes. Todas estas peripécias mudaram seus destinos, as lançaram por caminhos que não são no mínimo aqueles de nosso globo. Em cada minuto, em cada segundo, milhões de direções diferentes se oferecem a este gênero humano. Eleito um, se abandona para todos os outros. Quantos desvios à

direita e à esquerda modificam os indivíduos, a história. Não está todavia ali nosso passado. Não deixaram de fazer seu caminho e serão mundos.” (BLANQUI:2002,p.78/79)

De agora em diante é para os outros, desconhecido. O porvir de nossa terra, como seu passado, mudará milhões de vezes de rota. O passado é um fato complicado, desde aqui basta então, cada segundo trará consigo a Bifurcação, o caminho que se tomará e o que se poderia ter tomado. Qualquer que seja este, o que deve completar a própria existência do planeta até o último dia, foi percorrido milhões de vezes. Não será mais que uma cópia impressa por antecedência pelos signos.

“- Que homem não se encontra às vezes na presença de uma encruzilhada?” Assim, questiona o francês.

Aquela que ele se desvia lhe daria uma vida bem diferente: uma o conduz à miséria, a outra à glória e a liberdade. “Aqui uma mulher encantadora e à felicidade, ali a fúria e a desolação. Falo pelos dois sexos.” (BLANQUI:2002,p.79)

Existe uma terra onde o homem segue seu caminho desdenhado em outra pelo sócia. “Sua existência se desdobra, um planeta para cada uma, logo se bifurca uma segunda, uma terceira, mil vezes. O homem possui então sócias completos e variantes inumeráveis de sócias que multiplicam e representam sempre sua pessoa, mas que não tomam mais que farrapos de seu destino.” (BLANQUI:2002,p.79)

Tudo o que poderia ter sido aqui embaixo, o é em alguma parte afora. Ademais, a existência inteira do nascimento até a morte, que vive sobre uma disparatada quantidade de terras, um vive sobre outras dez versões diferentes. Há milhões de exemplares de terras análogas, e todas as encruzilhadas estão repletas com nossos duplos. Infelizmente, nossos sócias não nos dão voz de alarme, não podemos ser advertidos. Se se fosse permitido fazer chegar à história da própria vida com alguns bons conselhos dos duplos colocados no espaço, quantas loucuras, quantas dores e penas teriam sido evitadas.

Em outros termos, Blanqui afirma que embora todas as humanidades fossem idênticas na hora da eclosão, seguem cada uma sobre seu planeta, a rota traçada pelas paixões e os indivíduos contribuem para a modificação desta rota por meio de sua influência particular. Resulta então, que apesar da identidade constante do seu começo, a humanidade não tem a mesma personalidade sobre todos os globos semelhantes e cada um destes, de alguma maneira, têm sua humanidade especial, elucidando uma história e uma vida diferentes. Cada um de nós tem vivido, vive e viverá, sem fim, milhares de milhões de alteregos, nas encruzilhadas de nossas decisões.

“O que escrevo neste momento em um calabouço da Fortaleza de Taureau, o escrevo e escreverei durante a eternidade em circunstâncias totalmente semelhantes assim também para cada um de nós.”(BLANQUI:2002,p.96)

Já que o número de sócias é infinito no tempo e no espaço, eles existem em carne e osso, são atualidades eternizadas. E aqui o grande defeito – não há progresso. “Por Deus! Não são reedições vulgares, repetições inúteis. Tais são os exemplares dos mundos passados, tais são os mundos futuros. Só o capítulo das BIFURCAÇÕES PERMANECE ABERTO À ESPERANÇA.”(BLANQUI:2002,p.99). Não

esqueçamos que tudo o que poderia ter sido aqui embaixo o é em alguma parte em outro lado.

O progresso não existe aqui em baixo mais que para nossos netos. Não têm mais chances que os outros. Eles e nós, todos habitantes de nosso planeta, renascemos prisioneiros do momento e do lugar que os destinos nos designam na série de seus avatares.

“Mas também não é um consolo saber que constantemente sobre milhares de terra estamos em companhia de pessoas amadas que não são para nós hoje mais do que mera recordação?”(BLANQUI:2002,p.98). Há outro consolo em jogo: pensar que um provou e provará eternamente esta felicidade, como figura de seu sócia. Para muitos espíritos pequenos, estas felicidades carecem de pouco valor. É um século de desilusão e ceticismo.

Blanqui termina assim seu texto:

“O que chamamos de progresso é um tapa sobre a terra e se desvanece com ela. Sempre em todas as partes, no campo terrestre, o mesmo drama, a mesma decoração, sobre a mesma senda estreita, uma humanidade ruidosa, apaixonada de sua grandeza, crendo-se o universo e vivendo em sua prisão, para soçobrar em seguida junto com o globo que o levou ao seu mais profundo desdém, o fardo de seu orgulho. A mesma monotonia, a mesma imobilidade nos astros estrangeiros. O universo se repete, sem fim, a eternidade desenvolve imperturbavelmente ao infinito as mesmas representações.” (BLANQUI:2002,p.99)

Em todas estas concepções temos a imagem de um ciclo interminável que se repete indefinidamente, como as horas de um relógio. A cada meia noite, temos um novo dia – de tempos em tempos, a ampulheta é virada novamente para recomeçar tudo de novo. Esta concepção de que tudo volta, pode levar o homem ao niilismo.

Difícilmente, Nietzsche não conheceria as teorias do eterno retorno, mas ele ainda não as havia ‘re-conhecido’. Esta doutrina só aparecerá em 1881, nas montanhas suíças de Alta Engadina. A idéia de um ciclo que se repete, pode levar facilmente o homem ao desespero, ou seja, ao niilismo passivo, visto que dá a impressão de que nada vale a pena.

"Para que serve viver? Tudo é vão! Viver é palha. Viver é consumir-se sem se aquecer. (...) Tudo é vão." –(NIETZSCHE:1989, P.229)(Z, II, “Das antigas e novas tábuas’, 13)

Ora, se tudo volta, até o mais vil voltará, então emergirá a pergunta: - quem será capaz de suportar a repetição? Esta pergunta fará o homem tremer e temer, ela perturbará a mente, como um demônio a assolar seus pensamentos:

“ E se, um dia ou uma noite, um demônio se viesse introduzir na tua suprema solidão e te dissesse: 'Esta existência, tal como a levas e a levaste até aqui, vai-te ser necessário recomeçá-la sem cessar; sem nada de novo; muito pelo contrário! A menor dor, o menor prazer, o menor pensamento, o menor suspiro, tudo o que pertence à vida voltará ainda a repetir-se, tudo o que nela há de indizivelmente grande e de indizivelmente pequeno, tudo voltará a acontecer, e voltará a verificar-se na mesma

ordem, seguindo a mesma impiedosa sucessão ... esta aranha também voltará a aparecer, este luar entre as árvores, este instante, e eu também! A eterna ampulheta da vida será invertida sem descanso, e tu com ela, ínfima poeira das poeiras!...' Não te lançarias por terra, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio? A menos que já tenhas vivido um instante prodigioso em que lhe responderias: 'Tu és um deus; nunca ouvi palavras tão divinas!'

Se este pensamento te dominasse, talvez te transformasse e talvez te aniquilasse; havias de te perguntar a propósito de tudo: 'Queres isto? E querê-lo outra vez? Uma vez? Sempre? Até ao infinito?' E esta questão pesaria sobre ti com um peso decisivo e terrível! Ou então, ah! Como será necessário que te ames a ti próprio e que ames a vida para nunca mais desejar outra coisa além dessa suprema confirmação."(NIETZSCHE:1987,P.228)(GC , 341 "O peso mais pesado)

Os comentadores de Nietzsche explicitam a densidade que a idéia de eterno retorno pode provocar. Por um lado, confirma o niilismo – a idéia de que a vida não tem valor, um valor de nada, já que tudo se repete, tudo pode retornar, sem exceção. Por outro, tal doutrina impele o homem a viver a vida intensamente, descobrindo nela sua gratuidade. Entretanto, nem todos os homens são fortes o suficiente para tanto. O professor Roberto Machado comenta:

"A dificuldade do eterno retorno é afirmar que o pequeno revém, sem cair no pensamento paralisante do adivinho, de que nada vale a pena. O que pode provocar a náusea, o nojo, o fastio, o sufoco característicos do niilismo passivo. (...) Se a serpente é, ao mesmo tempo, a serpente alada, a serpente enrolada no pescoço da águia que voa em amplos círculos nas alturas, e a serpente pesada que, no chão, penetra na garganta do homem; se ela simboliza, ao mesmo tempo o eterno retorno e o niilismo, é porque diante da mesma realidade, o homem sem Deus ou sem ídolos, isto é, sem esperanças extraterrenas ou futuras, pode sentir-se sufocado ou alegrar-se, pode considerar que nada tem valor na vida ou que 'nada tem valor na vida a não ser o grau de potência" (MACHADO:2002,p.131)

E aqui o homem tem, necessariamente, lutar como Zaratustra com o seu demônio interior – este anão, o espírito da gravidade, sob pena de sucumbir. Momentos antes de se deparar com o jovem pastor, Zaratustra se digladiava com o anão.

" 'Detém-te, gnomo! – disse. – Ou eu ou tu! Eu, porém, sou o mais forte dos dois. Tu não conheces o meu pensamento de abismo; não serias capaz de o suportar.' Nisto senti que se me aliava a carga, porque o anão, curioso como era, me saltou dos ombros. E acaçapou-se numa pedra diante de mim. Mas no sítio onde tínhamos parado encontrava-se justamente uma poterna (pórtico). 'Olha para esta poterna, gnomo – prossegui – Tem duas saídas. Aqui se reúnem dois caminhos; ainda ninguém os seguiu até o fim. Este longo caminho que se estende diante de nós, é outra eternidade. Estes caminhos são contrários, opõem-se frontalmente, e é aqui, sob esta poterna está escrito no frontão: esse nome é 'instante' (...) Olha para este instante – continuei – A partir desta poterna do Instante um longo caminho, um caminho eterno, estende-se para trás de nós; há uma eternidade atrás de nós. Tudo quanto é capaz de correr não deve, necessariamente, ter já percorrido este caminho ao menos uma vez? Tudo o que pode suceder, entre todas as coisas, não deve ter já acontecido, ocorrido, ter passado? E se tudo o que é já foi, que pensas deste instante, anão? Esta poterna não deve também ter já estado? E não estão todas as coisas tão solidamente imbricadas que este instante arrasta após si todas as coisas futuras? E também a ele próprio, por consequência? (...)" (NIETZSCHE:1989, p 174)(Z, II, Da visão e do enigma)

Segundo Kossovitch, o eterno retorno só dilacera quando é passivamente interpretado, admitir que tudo voltará, exatamente igual tanto no maior quanto no menor exige que no instante, e a cada instante se diga Sim à vida. Isto implica em viver a vida de tal modo que a cada instante almeje-se a eternidade, e se o instante for eterno que se queira vivê-lo, não uma, nem duas, mas infinitas vezes.

Abolindo-se, portanto, a noção de curso. Tudo já existiu antes e voltará de novo, na eternidade do tempo. A ampulheta será virada e desvirada para sempre. Este querer – de que cada instante seja eterno e que ao mesmo tempo seja desejado a ponto de querer ser vivido novamente, só pode ser interpretado pelo Senhor. Só ele pode esculpir a vida como uma obra-de-arte.

"Quem além de mim sabe o que é Ariadne! – (...) Zaratustra define certa vez o rigor de sua tarefa – e também a minha – de modo a não haver engano sobre o sentido: ele é afirmativo a ponto de justificar, de redimir mesmo tudo o que passou. (...) Pois como suportaria eu ser homem, não fosse o homem também criador, decifrador de enigmas e redentor do acaso? Redimir os que passaram e transmutar todo o 'Foi' em um 'Assim o quis' – isto sim seria para mim redenção." (NIETZSCHE:1985, P61) (ECCE HOMO ,Z,8)(grifos nossos)

Neste sentido, a pedra de toque da teoria do eterno retorno em Nietzsche – é que ele é seletivo, só aquilo que é afirmador da vida, deve voltar, indício de potência aumentada. A totalidade dos ciclos representa também a totalidade dos instantes – isto é, o presente já existiu várias vezes e retornará do mesmo modo – como um lance de dados. É fato que o acaso se repita. “Mas este pensar que é produto do martelo, pode levar o homem tanto ao poder de criação quanto de destruição, pois quem conseguirá suportar a repetição? Somente aqueles que encontram prazer não mais na certeza, mas na incerteza; nem ‘causa’, nem efeito, mas uma criação contínua, a vontade não de conservar, mas de dominar.” (KOSSOVITCH:1979, p.98)

Num belíssimo texto de Anita Helena Schlesener, a autora parte das relações entre a filosofia benjaminiana e de Blanqui, que apresenta no seu livro L'eternité par les astres questões pertinentes tanto à temporalidade presente na poesia de Baudelaire quanto prenuncia a noção nietzschiana de eterno retorno. Louis Auguste Blanqui seguiu a tradição dos socialistas utópicos como Babeuf e dedicou sua vida a organizar e incentivar insurreições contra o poder.

Seu livro desvela o mito do tempo contínuo, a constelação de fantasmagorias que compunham o quadro mistificador do século XIX, principalmente na idéia de progresso:

“Blanqui queria esboçar uma imagem do progresso. E a descobriu como imagem enfeitiçada da própria história: como antiguidade sem memória na veste do mais moderno”, isto é, repetição infinita do mesmo. A mesma monotonia, que é a medida de todo o universo, reproduz-se na história moderna que, como o eterno trabalho de Sísifo, se concretiza como repetição da dominação, da repressão, do sofrimento e do fracasso das tentativas revolucionárias.(SCHLESENER:2003,258)

Para Schlesener, com os socialistas utópicos temos o retrato da própria modernidade, onde se assiste a ruptura essencial com a atividade artesanal e o meio rural. Agora, na modernidade, a força vital é sufocada: a razão formalista, característica do saber moderno, tornou-se o meio de dominação da natureza e de submissão da vida humana aos imperativos do modo de produção, rompendo seus vínculos com a natureza. O homem perdeu a capacidade de contemplar, visto que está submetido ao ritmo desgastante do trabalho, agora ele próprio é uma mercadoria. Seu tempo agora é regido sequencialmente, seu descanso é apenas para repor as energias para retomar o trabalho, o que atesta uma existência injustificada, perda de identidade e apatia política.

O que havia até então era uma intrínseca relação entre o próximo e distante, própria da experiência antiga, que integrava a história individual com a história coletiva, o homem ao cosmos. “A “vinculação ótica ao universo”, própria da modernidade, se produz com o filtro da ciência e da técnica: a partir dela, o astrônomo determina a posição dos astros e sua atividade se separa radicalmente da ação do astrólogo que, desenvolvendo a percepção das semelhanças, lê o futuro contido nas estrelas. Apesar de toda a precisão de seus instrumentos de observação, o astrônomo nunca conseguirá igual resultado.”(SCHLESENER:2003,257). Podemos, portanto, perceber que, segundo Schlesener, o que havia anteriormente era de fato uma completa correspondência entre o micro e o macro-cosmos. O homem sentia-se como parte integrante deste universo, mas com o avanço da ciência, iniciou-se um processo de desencantamento e de isolamento inexoráveis.

As correspondências mágicas, próprias do olhar dos povos antigos, se perderam no universo do homem moderno. As imagens rápidas, repetidas, que desfilam diante do olhar distraído do passante, calam a imaginação e se confundem com a experiência direta, ocasionando indiferença e insensibilidade, até embotar a capacidade de assimilar e compreender. Olha-se sem ver, porque a visão não depende exclusivamente da presença constante e insistente da imagem: a visão se produz pela percepção do distante que transparece nas dobras do aparente, pelas significações que se acumulam sob o imediatamente dado e que pedem desvelamento. Ver se caracteriza por descobrir, além das aparências, os significados produzidos ao longo da história e guardados na memória. O olhar do homem moderno é um olhar vazio, que revela a ausência de quem olha, transformado em objeto (do sistema de produção, da mídia, do consumo). Vazio, tanto no sentido de perda da abrangência do olhar, quanto do significado do que a imagem apresenta. Reduzido à visão imediata, o homem moderno sucumbe ao imediatamente dado: para ele, “é o dinheiro que aproxima dele as coisas, que estabelece o contato conclusivo com elas”.(SCHLESENER:2003, 260).

Essa transformação da experiência, concomitante à mudança de percepção do mundo pelo homem moderno, teve como correlato a secularização do tempo em espaço. No fundo, a questão que se coloca é a da dissolução ou dispersão do sujeito num mundo em que imperam as leis de mercado. Se, no âmbito teórico, o sujeito é a base de sustentação do mundo moderno, na prática, as relações mercantis e de trabalho regem a vida cotidiana e confluem na concepção linear da história.

A evolução das técnicas e sua aplicação na sociedade industrial são presididas por uma idéia de tempo quantitativo, mecânico, causal, que define a ordem das sucessões. A vivência da temporalidade pelo indivíduo também coincide com o tempo mensurável e repetitivo do mesmo; a esse tempo matemático, seqüencial, exterior, se acrescenta o tempo vegetativo, de reposição das energias para novas jornadas de

trabalho, da existência vazia e injustificada, da perda de identidade, da apatia política. A grande contribuição de Blanqui, tanto na teoria quanto na prática revolucionária, está em desvelar a forma temporal moderna como prisão infernal e denunciar a fé no progresso, contrapondo a ela a sua revolta e a sua vontade.

(*) Texto originalmente apresentado no Seminário Interno do Curso de Filosofia na Universidade Presbiteriana Mackenzie e reapresentado no II Colóquio de Filosofia, Física e Matemática – Caos e Determinismo em maio de 2011, na mesma Instituição.

(*) Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie nos cursos de Administração, Comércio Exterior, Filosofia, Pedagogia. Graduação e mestrado pela PUC_SP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BLANQUI, LOUIS AUGUSTE. La eternidad por los astros. Buenos Aires, Ed. Colihue, Col. Punhaladas, 2002.
- KOSSOVITCH, Leon. Signos e poderes em Nietzsche. São Paulo, Ed. Atica, 1979
- MACHADO, Roberto.. Zaratustra, tragédia nietzschiana. Rio, Zahar, 2002.
- NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos. Porto, Ed. 70, 1985.
- NIETZSCHE, F. Assim falava Zaratustra. Lisboa, Guimarães Editores, 1989.
- NIETZSCHE, F. Ecce homo. São Paulo, Ed. Max Limonad., 1985
- NIETZSCHE, F. Gaia ciência. Lisboa. Guimarães Editores, 1987
- REALE, Miguel. Pré-socráticos e Orfismo. São Paulo, Loyola, 1993.
- SCHLESENER, A H. '*Tempo e história: Blanqui na leitura de Benjamin*' in História: Questões História: Questões & Debates, Curitiba, n. 39, p. 255-267, 2003. Editora UFPR

